



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Agência da Previdência Social de Benefício
por Incapacidade – APS/BI**

São Paulo-SP, 14 de dezembro de 2007

Eu só não estou mais feliz porque o Corinthians não me ajuda.

Bem, eu quero começar cumprimentando o nosso querido companheiro, presidente da Câmara dos Deputados, Arlindo Chinaglia, médico, companheiro muito envolvido com a Previdência no Brasil. E dizer, Arlindo, que você pode... O Arlindo tem que se retirar porque ele tem um médico marcado agora. Médico não se consulta, médico vai em médico. Casa de ferreiro, espeto de pau. Tchau, boa consulta.

Quero cumprimentar o meu companheiro Luiz Marinho, ministro da Previdência Social,

O nosso querido ministro da Defesa, ministro Nelson Jobim,

O nosso ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge,

O nosso querido companheiro Eduardo Suplicy, senador da República,

Os deputados que trabalham para ajudar a melhorar a Previdência, Arnaldo Faria de Sá, Ricardo Berzoini, que foi ministro da Previdência, e Ricardo Izar,

Meu caro prefeito Gilberto Kassab,

Meu caro Marco Antônio de Oliveira, presidente do INSS,

Senhora Elisete Berchiol da Silva, gerente regional do INSS,

Senhor Jorge Wagner de Oliveira Monarca, gerente executivo do INSS em São Paulo-Centro,

Senhor Aurélio Antônio Miotto, chefe da Agência da Previdência Social de Benefício por Incapacidade,



Meu caro companheiro Antonio Neto, presidente da CGTB,
Companheiros dirigentes sindicais – eu estou vendo aqui um monte deles, de todas as centrais sindicais,

Companheiros representantes das entidades dos aposentados brasileiros,

Meus amigos funcionários do INSS, funcionários do Serpro,

Companheiros lecionistas, que quando nós entramos no Brasil era uma categoria em extinção, porque teve um tempo que vocês fizeram uma greve, em vez de tentar fazer um acordo, preferiram extinguir a categoria e terceirizar, que era mais fácil. E isso nos levou a prejuízos enormes no atendimento do nosso povo.

Apenas uns dados aqui, porque toda vez que eu vou fazer um discurso por escrito, a gente pede as informações para o Ministro da Previdência e para o Presidente do INSS, ou para o ministro da área. E eles mandam todos os números mas, depois, eles utilizam os números nos discursos deles e o meu discurso fica superado, no tempo, na informação e no espaço.

Mas, apenas uma coisa importante que eu queria dizer para vocês. O companheiro Marinho já tinha herdado do ministro Nelson, do Nelson Machado, a responsabilidade de nós agilizarmos o máximo possível o bom atendimento ao segurado da Previdência Social. Porque aqui todo mundo sabe que quem procura um médico, e o médico não está apto a nos atender, ou fica aquela espera de quatro ou cinco meses, se a gente não estava doente, fica doente, porque termina procurando um psicólogo.

E, depois, nós enfrentamos um outro problema. Quando você começa a colocar a máquina para funcionar, você começa a perceber que pessoas que estão já há algum tempo recebendo benefício por incapacidade, ao constatarem que estão bons não aceitam estar bons. É uma coisa fantástica! Tudo o que a gente quer na vida é os médicos dizerem que a gente está bom.



Já pensou que notícia bonita? Uma pessoa vai num hospital, uma mulher, estou vendo a dona do Carmo, aqui, vou falar dela. Uma mulher vai fazer um exame de câncer de mama, tudo o que ela quer na vida, por mais sofrido que seja o exame é, ao terminar, o médico falar: “Minha filha, você não tem nada, está boa”.

No caso de determinados benefícios, as pessoas preferem não estarem bons. E eu compreendo. Um País que ficou 26 anos sem a economia crescer, um País que ficou, só no setor da construção civil, mais de 20 anos só desempregando, e à medida que a pessoa está recebendo um benefício e ele não vislumbra a possibilidade de ter um emprego quando ele for tido como apto ao trabalho, ele entra em desespero. É preciso compreender, Marinho. Porque você tem um malandro... Nada melhor do que um cidadão que não está doente receber auxílio-doença e não pegar alta. É tudo que a gente deseja. Mas como quem paga a Previdência é o povo trabalhador, é justo que só recebam os benefícios as pessoas que tiverem realmente problema, porque aí você garante que o sistema possa funcionar para o resto da vida.

Então eu penso, Marinho, que é só compreender para a gente não fazer julgamento precipitado. Eu, durante, Marinho... você ainda não estava no Sindicato, antes de você chegar no Sindicato, eu comecei a minha vida sindical cuidando do Departamento de Previdência Social. Foi lá, inclusive, que eu conheci a Marisa, ela foi procurar um atestado de vida e eu vi, lá, uma viuvinha bonita, eu falei: “Vou dar o atestado de vida e vou, aqui, pedi-la em namoro”. Isso é verdade mesmo. Eu trabalhava no Departamento de Previdência Social, no Sindicato e tinha um advogado que trabalhava comigo, o Luizinho – nem sei se ele está mais no Sindicato. E eu falava assim... Eu cuidava das viúvas que iam lá procurar atestado de vida, cuidava de habite-se, cuidava de uma série de documentos que naquele tempo exigiam, não sei se exigem tudo isso hoje ainda. Eu disse para o Luizinho: “Olhe, se aparecer uma viuvinha bonita aqui, você me fala.” Porque eu era o chefe do Departamento e era justo que eu



atendesse. Aí, um dia, ele falou assim para mim: “Oh, Lula, tem uma lourinha aí bonita”. Eu conto isso sempre, eu não vou contar agora não. Foi muito... Então eu trabalhei. E eu conheci companheiro que, no desespero, chegou a se internar em hospital psiquiátrico, chegou a aceitar tomar “sossega leão” para receber salário da Previdência Social. Então, tem todo tipo de gente.

Qual é o problema que nós estamos enfrentando agora? O problema... Eu conheço um cidadão que deu uma surra num agente da agência, lá em São Bernardo do Campo, porque foi num médico perito, por coincidência o médico perito era o dr. Nelson Rosseti, que vocês conheceram, que era médico do nosso sindicato, médico do Palmeiras, padrinho de casamento do Luis Pereira. Ele deu alta para um cidadão. O cidadão falou: “Eu não vou pegar alta”. Entrou na sala do agente e deu uma surra nele, rasgou o paletó, quebrou mesa, cadeira, rasgou documento e voltou para a perícia, estava doente. Na verdade, era um pouco de medo.

Bem, e depois nós começamos a ver nos jornais, quando nós resolvemos contratar perito – e vamos contratar mais, pode ficar certo de que vai ter mais concurso para funcionário, mais para perito. Então, começamos a perceber que o perito, Miguel Jorge, quando ele dá alta, às vezes, o cidadão fica nervoso. Nós tivemos caso de cidadão que matou o perito na rua, que matou médica, dois já. Depois que colocamos detectores de metais, já pegamos cinco pessoas que vieram armadas para fazer perícia. E o perito ou a perita está dentro de uma sala, de um ambulatório médico, com um cidadão, sozinho, se estiver armado e violento, ele pode agredir o médico ou a médica, pode matar, pode fazer qualquer coisa.

Então, esta agência aqui, não sei se vocês perceberam, ela tem uma situação toda especial, não só para dar conforto ao assegurado que vier aqui, mas para dar conforto e segurança aos médicos e as médicas que forem atender às pessoas. Você quando vier aqui, Marcílio, nós vamos olhar para ver como é que você está, se você está armado ou não. No fundo, no fundo, nós



precisamos conscientizar a sociedade brasileira, num momento em que a economia começa a melhorar, começa a gerar emprego. Eu acho que o exemplo do Leandro, aqui, foi extraordinário. O Leandro é um menino que estava recebendo benefício por incapacidade, ou seja, recebeu alta e vai começar a trabalhar segunda-feira na sua empresa. O primeiro paciente atendido aqui foi este Leandro, Marinho. Corintiano também, como eu.

Então, veja, até agora, tinham sido inauguradas seis agências da Previdência Social de Benefícios por Incapacidade. No Rio de Janeiro: no Centro, Copacabana, Campos dos Goitacazes, São Gonçalo. Uma em Porto Alegre, outra em Salvador. Ao todo foram investidos 8 milhões e 100 mil reais. Essas unidades juntas terão uma capacidade mensal de atendimento de 91 mil perícias médicas. Até o primeiro semestre de 2008, estão previstas mais cinco inaugurações de agências desse tipo. Serão duas agências em Minas Gerais: Belo Horizonte e Juiz de Fora; outras duas no Rio de Janeiro: Zona Norte e Duque de Caxias e uma em Vitória, no Espírito Santo. É isso? Você não citou isso aqui.

Atualmente as agências da Previdência Social, em sua configuração tradicional, atendem em média 2 milhões e 800 mil segurados por mês em todo território nacional. Elas dão entradas a cerca de 660 mil requerimentos por mês, dos quais mais de 361 mil são de benefícios por incapacidade. Para ter acesso a esses benefícios, os segurados têm de fazer perícia médica. Só na capital de São Paulo são atendidas em média – você já disse isso, mas eu vou repetir, porque eu vi que a imprensa não estava prestando atenção quando você estava falando – só na capital de São Paulo são atendidas em média 712 mil e 800 segurados por mês. Das 300 mil perícias realizadas no estado, 80 mil são feitas só aqui na capital. E aqui vai fazer 40, é isso? Sem fila, marcando pelo 135.

Bom, para melhorar o atendimento, a Previdência está realizando amplas reformas nas agências – isso aqui o já Marinho já falou, não vou repetir



– o governo está também ampliando o quadro dos servidores públicos para ocupar as vagas dos que morreram, se aposentaram ou mudaram de emprego. Em 2007, 250 novos peritos médicos aprovados em concurso no passado foram contratados. Além disso, foi autorizado o concurso para mais duas mil contratações e o INSS prevê efetuar outras seis mil, até 2011.

Bem, companheiros, eu não vou falar da Previdência Social. Eu vou apenas dizer o seguinte: nós temos a obrigação, Marco Antônio, nós temos a obrigação... O nosso mandato termina dia 31 de dezembro de 2010. Portanto, nós temos a obrigação, ao terminar o nosso mandato de ter como referência a visão que o segurado da Previdência Social passa a ter da mudança que aconteceu no sistema da Previdência Social.

O que mais me incomodava, com o ministro Nelson, era quando eu ligava a televisão de manhã, de noite, aquele bando de gente na fila, no INSS, 3 horas da manhã, 4 horas da manhã. Eu dizia para o Nelson: “Bota os funcionários para trabalhar 24 horas por dia, faz 3 turnos, faz 4 turnos, faz qualquer coisa, mas não é possível!”. E aí detectou-se, Marcílio, que metade das pessoas que iam para as filas iam pedir informações que não precisava ir para a fila. No Brasil, também, nós fomos acostumados a ir para a fila, e tudo vai ficando normal.

Nós criamos o 135. O 135, as informações que eu tenho é que tem melhorado bastante o atendimento. A Internet tem melhorado bastante. E a idéia nossa é, até chegar ao fim do nosso mandato, a gente ter essa coisa da Previdência bem regularizada, as agências funcionando corretamente, o número de peritos funcionando corretamente, os funcionários funcionando corretamente.

Nós sabemos que é preciso acabar com essa mania que se vende todo santo dia, que os funcionários públicos federais ganham bem, e que não sei das quantas. Na verdade, quase todos ganham mal. O que eu lamento é que às vezes eu apanho da imprensa todo dia, porque: “Lula está contratando mais



gente, o Lula está inchando a máquina”. E vocês não fazem uma passeata dizendo: contrata mais, contrata mais.

Por quê? Porque, veja, se a gente quiser melhorar as agências e dar condições de trabalho como esta, tem que contratar mais gente. Se a gente quiser melhorar o atendimento médico para os doentes, tem que ter mais gente. Se a gente quiser dar um bom atendimento no balcão, tem que ter mais gente. Ora, como é que é possível você melhorar as coisas, se você não contrata mais?

Eu estava pensando, Miguel Jorge: nós vamos chegar em 2010 com 214 escolas técnicas profissionais a mais no Brasil. Nós encontramos 140, vamos deixar 354 escolas técnicas profissionais. Vamos deixar 10 universidades federais novas. Vamos deixar 48 campi novos por todo o País. Como é possível você fazer isso, se você não contratar mais professores, contratar mais técnicos administrativos, contratar... Não tem solução.

Então, muitas vezes, nós contratamos e apanhamos. Eu vejo matéria: “Lula incha a máquina. Governo quer gastar mais. Governo dá aumento”. Fala que o nosso pessoal ganha bem. E, aí, a empresa privada contrata um cidadão nosso, que ganha 5 mil, contrata por 20. Um tempo desses, tinha um funcionário da Petrobras que ganhava 26 mil reais. Eu achava que ele era um daqueles “marajás” que disseram na década de 80. Aí esse cidadão, que eu pensava que ganhava muito, vai no meu gabinete e fala: “Presidente, eu vou ter que sair da Petrobras”. Foi contratado por uma empresa privada para ganhar 200 mil por mês, com dois anos pagos adiantado. Aí ele não é marajá, aí ele é eficiente, aí ele é competente.

Eu acho que nós temos ainda muita coisa para fazer, Marco Antônio, Marinho. E eu acho que nós precisamos trabalhar. Nós temos três anos, aprendemos muito nos primeiros três anos. E acho que nós temos condições de fazer, agora, muito mais, em três anos, do que fizemos em quatro. E em todas as áreas do governo é preciso melhorar o funcionamento da máquina. Eu



acho que os trabalhadores, aos poucos, à medida que vai crescendo o número de empregos, não sei se o Marinho falou, não ouvi, mas este ano, até outubro, nós criamos 1 milhão, 822 mil empregos. Eu não gosto de dizer isso, mas é mais do que todos os empregos criados entre 1994 e 1998, até outubro.

E a tendência natural é crescer mais o ano que vem, porque no ano que vem, o PAC começa a funcionar. Só na área de urbanização de favelas são 40 bilhões de reais. Não pensem que eu vou mexer nisso porque derrubaram a CPMF, não, vai continuar mexendo. Habitação. Nós temos 106 bilhões de reais, até 2010, fora o dinheiro financiado pelo sistema financeiro privado.

E eu acho que as coisas vão acontecer, porque todo mundo percebe que há um clima melhor na sociedade, há um grau de confiança. Acabei de vir da Ford, agora. Eu passei a minha vida na Ford, ou como dirigente sindical ou como assistente imediato dos dirigentes sindicais que vieram depois de mim: Meneguelli, Vicentinho, Giba e Marinho, e o Feijoó agora. Eu passei 20 anos da minha vida indo na porta da empresa chorar pelo desemprego. Chorar! Eu fiz as maiores greves deste País, nunca ganhamos um centavo de aumento real de salário. Quando eu pegava a metade da inflação, já voltava para casa para tomar cerveja satisfeito. Agora faz quatro anos que esses meninos todos, 86% dos sindicalistas brasileiros, fazem acordo com aumento real de salário, em todas as categorias.

Aqui me desculpem os companheiros sindicalistas, viu, Artur? Se um companheiro fizer acordo, agora, por menos que a inflação, é porque também os pelegos não acabaram ainda, não é, gente? Ainda tem. Desculpem-me, mas à medida que a economia está crescendo, é importante que a classe trabalhadora retire a sua parcela.

E vou dizer para vocês: no setor público também. Ou seja, a verdade é essa: na casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem razão. Mas na hora que a economia começa a se ajustar, a arrecadação começa a melhorar, ora, nós também temos que fazer a nossa parte: remunerar melhor



os nossos servidores para que a gente possa exigir o trabalho deles. Porque a gente paga mal, a gente finge que paga, o funcionário finge que trabalha. Ninguém cobra ninguém? Não, é melhor pagar corretamente para a gente poder cobrar e as pessoas executarem.

Eu quero, Marinho, te dar os parabéns por esta agência. Acho que os peritos, aqui, vão ter segurança. Espero que vocês nunca precisem apertar nenhuma campainha, Deus queira que os segurados façam todos como o Leandro, aceitem tranqüilamente e pacificamente o resultado: Olha, você está bom, volte a trabalhar, não sei das quantas”.

Quero desejar a todos os funcionários, aos companheiros sindicalistas, que eu não verei mais até o dia 1º de janeiro, um Feliz Natal, um Feliz Ano Novo. E comunicar a vocês que eu sou mais corintiano hoje do que era ontem, quando a gente estava na primeira divisão.

Um grande abraço e que Deus abençoe vocês.